

Denúncia liga empresários a golpe

HONDURAS Conselho Hondurenho da Empresa Privada teria estabelecido uma cota obrigatória a seus membros para financiar “gestões em defesa da Constituição e da democracia no país”

Claudia Jardim
enviada a Tegucigalpa
(Honduras)

O SETOR EMPRESARIAL de Honduras, que abertamente apoiou a deposição do presidente hondurenho Manuel Zelaya, teria realizado, dias antes do golpe de Estado, uma arrecadação de fundos para financiar ações contrárias ao governo constitucional derrubado em 28 de junho.

De acordo com documentos divulgados pelo canal 36 – o único alinhado ao governo deposto – e obtidos posteriormente pelo **Brasil de Fato**, a Câmara Hondurenha da Indústria da Construção solicitou a todos seus membros, com caráter de “urgência”, a contribuição de 7,5 mil lempiras (o equivalente a 420 dólares) “para apoiar as gestões que o Cohep [Conselho Hondurenho da Empresa Privada] está realizando em defesa da Constituição e da democracia no país”.

Ainda segundo o mesmo material, o Cohep teria estabelecido uma “cota obrigatória” a ser paga por todos os membros em uma reunião do grêmio realizada no dia 16 de junho, 12 dias antes do golpe de Estado. Os documentos, porém, não deixam claro a periodicidade com que as cotas deveriam ser pagas.

A medida chegou a gerar controvérsias entre os empresários. Em outro documento, dirigido à Câmara de Construtores, um de seus membros, a construtora Sato, se opôs a cumprir com o pagamento da cota estabelecida pela entidade. “Informações confirmadas nos garante que o valor arrecadado entre os membros passará ao Cohep para financiar as marchas pela paz”, diz o texto.

A medida chegou a gerar controvérsias entre os empresários.

A construtora Sato se opôs a cumprir com o pagamento da cota estabelecida pela Cohep

Em seguida, a Sato afirma que dito procedimento não está contemplado no estatuto da empresa, razão pela qual não acataria a decisão do Cohep. “Solicitamos à nossa Junta Diretiva não envolver a Câmara de Construtores em movimentos políticos (...) Não somos melistas [apoiadores de Zelaya], mas não acostumamos aceitar imposições arbitrárias”, conclui o documento entregue ao Cohep e assinado por Carlos Roberto Chávez, gerente geral da construtora.

“Desestabilização”

Para os setores que rejeitam o golpe de Estado, entre outras evidências, esses documentos mostram o financiamento por parte do setor privado à atividade de “desestabilização” que culminaram na derrubada de Zelaya. O presidente do Cohep, Amilcar Bulnes, por sua vez, negou as acusações. “Se isso fosse certo [o pedido de doação de recursos], não seria nenhum delito. É provável que seja certo, mas é ridículo afirmar, com base nisso, que financiamos o golpe, que conspiramos”, afirmou ao **Brasil de Fato**.

Em entrevista por telefone, Bulnes disse que sua en-

tidade “não solicitou nada” a seus associados. Em seguida, porém, admitiu que o Cohep apoia a logística das manifestações contra Manuel Zelaya. “Apoiamos a compra de camisetas para as marchas”, afirmou.

De acordo com Leticia Salomón, cientista política da Universidade Autónoma de Honduras, o suporte do setor empresarial ao golpe foi além do financiamento das marchas opositoras. Segundo ela, dez famílias, que incluem criadores de gado, banqueiros e donos de meios de comunicação, planejaram o golpe em conjunto com as Forças Armadas e partidos políticos.

Entre outros motivos que teriam levado ao golpe, os empresários se opunham ao decreto de aumento do salário mínimo, que subiu de 3 mil para 5 mil lempiras

“Foi planejado por um grupo empresarial liderado por Carlos Roberto Facussé, ex-presidente de Honduras [1988-2002] e dono do jornal *La Tribuna*, que, juntamente com *La Prensa*, *El Heraldo* e os canais de TV 2, 3, 5 e 9, foi o pilar fundamental do golpe”, afirmou Salomón em artigo publicado na página eletrônica *Rebelión*. De acordo com a investigadora, essas dez famílias controlam 90% das riquezas do país.

Entre outros motivos que teriam levado ao golpe, os empresários se opunham ao decreto de aumento do salário mínimo, que subiu de 3 mil lempiras (aproximadamente 166 dólares) para 5 mil lempiras (cerca de 277 dólares). “Foi uma medida equivocada. Aumentou o desemprego e afetou as empresas, principalmente as pequenas e médias”, disse Amilcar Bulnes, do Cohep.

Acordo de San José

De acordo com fontes diplomáticas, um núcleo do setor empresarial também estaria atuando para impedir que o acordo de San José, mediado pelo presidente costarriquenho Óscar Arias, fosse negociado. Entre outros aspectos, o acordo prevê a restituição de Manuel Zelaya à presidência de Honduras, a criação de um governo de unidade nacional, a anistia aos delitos políticos relacionados ao golpe e a antecipação das eleições gerais previstas para 29 de novembro. Para o presidente do Cohep, a restituição de Zelaya é “inviável”. “Não estão dadas as condições para que Zelaya volte ao poder. O país entraria em um clima de ingovernabilidade”, afirmou.

Bloqueios de rodovias, protestos de rua que já duram mais de um mês e o recrudescimento da repressão por parte do governo vêm afetando a economia do país. De acordo com dados da Câmara de Comércio e Indústrias de Tegucigalpa, nos setores da indústria e comércio as vendas caíram em 70%. O turismo é o setor mais afetado. A ocupação nos hotéis também caiu 70% em relação ao mesmo período do ano passado. No fim de semana dos dias 1º e 2 de agosto, o presidente golpista, Roberto Micheletti, voltou a se reunir com o setor empresarial e prometeu “colocar ordem”.



Protesto contra Micheletti: setor empresarial e elite teriam planejado o golpe

Frente de resistência denuncia volta de “esquadrão da morte”

Assassinatos de apoiadores do presidente deposto Manuel Zelaya reacendem o temor da rearticulação de grupos de extermínio

da enviada a Tegucigalpa
(Honduras)

A Frente de Resistência contra o golpe de Estado denunciou, no dia 3, que o governo golpista estaria reorganizando grupos paramilitares que foram criados nos anos 1980 para “eliminar” os grupos apoiadores do presidente deposto Manuel Zelaya. Os dirigentes da Frente responsabilizaram o presidente de fato, Roberto Micheletti, e o chefe do Estado Maior das Forças Armadas pelo recrudescimento da repressão.

“Temos conhecimento de que grupos paramilitares estão reorganizando o Ba-

talhão 3-16 dos esquadrões da morte, que nos anos 1980 praticaram as desaparecimentos forçados em uma guerra suja chamada Operação Tundra”, afirmou Rafael Alegria, dirigente da Via Campesina em Honduras, diante de centenas de pessoas que se apinhavam em frente à sede do Colégio de Professores, na capital Tegucigalpa. Ali, estava sendo velado o corpo do professor Roger Vallejo, que foi atingido por um disparo na cabeça durante uma manifestação no centro da cidade.

Vallejo passou dois dias em coma, mas não resistiu. Professores que acompanhavam a recuperação do

colega contam que a polícia chegou a entrar no centro cirúrgico em que ele estava sendo operado. “Imagine isso, não bastou dispararem, como também invadiram a sala de cirurgia para intimidar-nos”, disse o professor Sergio Hernández. A polícia, por sua vez, nega ter disparado contra o educador. Ao lado do corpo, María Soriano, inconsolável, afirmou que a morte do filho não seria em vão. “Não vou desistir desta luta”.

Rearticulação

Para os sindicatos magisteriais e a Frente de Resistência, o assassinato de outro professor, no fim de semana, reacende o temor da rearticulação de grupos de extermínio. O educador Rivera Barrientos foi morto na madrugada do dia 2, quando regressava para sua casa depois de assistir ao velório de Vallejo. Barrientos foi encontra-

do com marcas de 26 facadas em seu corpo. A polícia afirma estar investigando o crime. A família acredita que ele foi vítima de um assalto. Para a Frente de Resistência, é um sinal de intimidação. “A repressão do Exército e da polícia não nos intimidará. Nossa luta é de resistência e chegaremos até o fim” afirmou Juan Barahona, dirigente da Frente, durante manifestação realizada nos dias 1º e 2.

Foi convocada uma grande marcha nacional que sairá de diversas partes do interior do país e deverá chegar a Tegucigalpa e San Pedro Sula. “Será uma semana de caminhada”, afirmou Barahona. A reivindicação continua sendo a mesma: restituição da ordem constitucional com o regresso de Manuel Zelaya à presidência e a realização de uma Assembleia Nacional Constituinte. (CJ)

Mulheres golpistas, mulheres golpeadas

CRÔNICA Outro dia de julho no eterno junho negro de Honduras

Melissa Merlo

No meu país, há mulheres que venderam a alma a quem deu o melhor lance. Umas receberam poder, outras, dinheiro, e outras, as ingênuas, receberam santas indulgências. Se vestem de branco para satirizarem o camponês e o pobre enegrecido do trabalho. As caras curtidas, os descalços, os professores que caminham diante de suas pulcras casas lhes provocam náuseas, e elas, brancas e pulcras como suas casas, expõem sapos e cobras contra os que lutam por ser livres.

Elas, as de branco, estão presas em suas lindas casas. Oprimidas por pais, noivos, esposos, amantes ou filhos. Gaiolas de ouro em pleno século 21. A pouca liberdade que conhecem é a de se vestir de branco, jeans e *sportshoes*, alisar os cabelos para que combinem com um lindo chapéu, pintar suas unhas acrílicas com a *jewelry* do dia, um toque discreto de *212 for*

women, e preparar uma *backpack* com a garrafinha de Evian, um pacotinho de *light cookies*, o *glossy*, uma *foodcard* e um lenço para o suor, que descobriram que destrói a maquiagem.

Com a *checklist* terminada, vestem suas empregadas de branco, branco perfeito em caso de emergência, põem seus óculos Dior e saem a sussurrar pela paz e a democracia. Duas horas são suficientes nesse calor sufocante. Mas, por sorte, estão perto dos *fastfood*. Com um *iced tea* e um pouquinho no *airconditioner*, o corpo terá de novo seu frescor habitual. Sua ideia de paz voa pelos ares com a velocidade de um projétil, cai ferida no pavimento e explode em uma espécie de gás, branco, claro, que incompreensivelmente faz correr a multidão que está perto, e lhes obriga a tapar o nariz e a boca com trapos sujos que as faz tossir e se asfixiarem como doentes.

A paz implodiu, hora de ir para casa.

No meu país, há mulheres que venderam a alma

a quem deu o melhor lance. Umas receberam fome, outras, insultos, e outras, as mais valentes, receberam golpes brutais. Vestem-se de cores para satirizar a chuva, o sol inclemente, a ignorância. As caras brancas, os bem-vestidos e os empresários que dirigem diante de suas casas curtidas lhes provocam pena, e elas, coloridas e curtidas como suas casas, expõem gritos de liberdade contra os que lutam por humilhá-las.

Elas, as coloridas, estão livres em suas casas coloridas. Apoiadas por pais, noivos, esposos, amantes, filhos, ou por ninguém. Casas abertas em pleno século 21. A liberdade que conhecem é a de se vestir de cores, *yin* e *tênis*, enfiar os cabelos dentro de um chapéu, esconder suas unhas de pontas descascadas cheirando a comida caseira, escolher as bijuterias do dia, uma boa borriada de uma imitação de 212 para mulheres, preparar uma mochila com a garrafa de água, um saco de sanduíche, o estojinho de maquiagem, uns 50 lempiras em di-

nhairo e um lenço molhado, caso joguem gases lacrimogêneos.

Com tudo na mochila checado, vestem seus filhos com cores, roupa muito cômoda em caso de emergência, põem seus óculos imitações da Dior e saem a gritar pela liberdade e pela pátria. Doze horas são suficientes nesse calor sufocante. Mas, por sorte, estão perto dos pronto-socorros. Com uma *horchata* e um pouquinho na sombra, o corpo terá de novo sua energia habitual. Sua ideia de paz caminha pela rua ao ritmo de tambores, energética, avança pelo pavimento e se espalha em uma espécie de grafite colorido, claro, que incompreensivelmente faz retroceder a multidão que está perto, e lhes obriga a tapar o nariz e a boca com as mãos, e as faz se meterem em seus carros e se esconderem temerosas.

A liberdade adiantou, hora de seguir adiante.

Tradução: Igor Ojeda.

O original, em espanhol, encontra-se em <http://alainet.org/active/32140>